

MIGUEL DEL CASTILLO

Cancún



Nota e agradecimentos

Este romance faz referência ao conto “Cancún”, publicado em meu livro *Restinga* (Companhia das Letras, 2015), mas não depende de sua leitura.

Parte dele foi escrita em junho de 2018 na residência literária da Fondation Jan Michalski, em Montricher, Suíça. Agradeço a Jessica Villat e Guillaume Dollmann, coordenadores do programa, e aos outros *écrivains en résidence* Federica Chiocchetti, Paweł Goźliński e Frédéric Dumond, por terem, de diferentes maneiras, criado uma atmosfera tão agradável e propícia à escrita.

Obrigado também aos queridos amigos Antônio Xerxenesky, Livia Deorsola e Rafaela Biff Cera pela disponibilidade para ler os primeiros manuscritos e debatê-los em almoços, cafés e longas trocas de mensagem; ao Emilio Fraia, pela confiança, edição esmerada e pelas conversas ricas e inquietantes; à Marianna Teixeira Soares, pelo olhar generoso e efusivo; e sobretudo à Carolina Ribeiro, minha esposa, pela leitura, paciência, parceria, incentivo e sacrifícios feitos para que eu conseguisse escrever isto — sem você não teria sido possível.

1.

Está com a persiana da janela do avião aberta. O sol entra, horizontal, e os passageiros a seu lado pedem que feche. Joel se pergunta a quem pertence o direito de abrir e fechar aquilo, e conclui que a regra deveria ser semelhante à do ar-condicionado na sala de aula: quem está perto da tomada decide se liga ou desliga, e agora é ele que está mais próximo da janela. Fecha mesmo assim, sem protestar. Minutos mais tarde, repara que a luz que sai de outras janelas está alaranjada, quase vermelha. Abre a sua persiana até a metade e contempla por um instante o pôr do sol. Baixa novamente, deixando sobrar uma fresta por onde um pouco da luz laranja penetra e marca o nariz da pessoa a seu lado, que dorme, e a bochecha do passageiro na outra ponta.

Fica de joelhos no assento para procurar o pai, algumas fileiras atrás. Não deu para sentarem juntos, o que é normal, ficou sabendo agora, quando se compra passagens em cima da hora. Avista-o dormindo, de boca aberta, o cabelo amassado contra o pequeno travesseiro branco. Vira de volta e olha para o papel da bala de caramelo que recebeu ao embarcar. Não entende como

alguém consegue mantê-las na boca sem mastigar, quando a graça é justamente mordê-las e sentir a goma entre os dentes — só muito tempo depois aquilo vai sair por completo.

Após o desembarque, o pai pergunta se ele toparia comer um Big Bob “só no molho”. É assim que pedem, sempre que o pai vem ao Brasil: o sanduíche puro, sem o que ambos consideram desnecessário, isto é, alface e cebola; só pão, carne, queijo e molho. Talvez ele já soubesse que havia um Bob’s dentro do aeroporto e que passariam por ali ao se dirigir para o ponto de táxi.

Joel morde com vontade o hambúrguer e devora rápido as batatas fritas, intercalando com goles de Fanta laranja. O pai está com um aspecto cansado.

— Conseguiu dormir no voo? Eu capotei no meio, mas não durou muito — diz.

— Acho que sim, um pouco — Joel responde.

— Vou te levar direto pra casa da sua mãe, tá? Ela deve estar com saudade.

Ficam em silêncio por todo o longo trajeto do aeroporto do Galeão até a Barra da Tijuca. Joel pensa em como será a vida agora que o pai está de volta ao Brasil, e por quanto tempo ficará aqui. O táxi azul entra no condomínio e para na entrada do prédio de Joel. Ele sobe apressado as escadas, e antes de atravessar a porta de vidro se despede mais uma vez do pai, que ficou dentro do carro e baixa sua janela para acenar. A mãe está sentada num sofá da portaria, esperando talvez há algum tempo. Dá um abraço nela, rejeita sua oferta de ajuda com a mala e acena para o porteiro. No elevador, ela pergunta o que são os arranhões que viu no rosto do pai. Joel diz que não sabe, mas que estava feliz por ele ter voltado, assim não precisaria mais ir todo ano a Cancún.

— Se bem que ele disse que é temporário — emenda. — Pode voltar depois... Não sei por quê, já passou tanto tempo lá.

— Mais de quatro anos.

— Acho que já vi tudo o que tinha pra ver. Tem aquelas pirâmides de pedra, e os passeios de mergulho, que eu não posso fazer porque ainda não tenho idade.

— Mas você não sabe mesmo o motivo daquele machucado?

— Não. Tem um roxo na perna dele também, igual àquele de quando eu caí da escada, lembra?

— Ficou feio daquela vez.

— Ele tinha sumido, aí fui com o Juan pra casa dele, e no meio da noite ele apareceu e me levou de volta pro hotel.

— Quem é Juan?

— Um amigo dele de lá. A mulher do Juan ficou comigo enquanto ele foi procurar meu pai.

A mãe parece curiosa e ao mesmo tempo inquieta. Pergunta se Joel quer um queijo-quente ou um suco, mas ele diz que já comeram e que está cansado.

No quarto, olha a vista que se tornou tão familiar, agora que estão há quatro anos naquele apartamento: o estacionamento do Carrefour vazio do outro lado da avenida das Américas, o letreiro iluminado refletido no asfalto do chão. A cortina é fina e as luzes vermelha e azul do logo do hipermercado nunca permitem que o quarto fique totalmente escuro. Na cama, pensa na volta às aulas, dali a duas semanas, nos outros meninos do condomínio com quem teria de esbarrar de novo, e se a mãe iria levá-lo à igreja no dia seguinte, um domingo. Pensa também em seu aniversário — doze anos em pouco mais de um mês, precisa decidir o que vai fazer para comemorar.

A mãe ainda está dormindo quando ele levanta da cama. A igreja fica em Botafogo, do outro lado da cidade. Calcula, pela hora, que ficariam em casa.